

All about Eve

*Regina Landim**

Um escorpião pensava em como iria atravessar um rio, quando viu uma rã. Então, ele pediu à rã que o atravessasse. A rã respondeu: Não posso levá-lo, você vai me picar e eu vou morrer. O escorpião retorquiu: Se você morrer, afunda e morro afogado. Concordando com o raciocínio do escorpião, a rã aceitou carregá-lo. No meio do rio, o escorpião picou a rã. Diante do espanto dela, ele disse apenas: é mais forte do que eu. E ambos morreram. (Versão abreviada de uma fábula atribuída a Esopo).

Prólogo

O filme *A malvada*, de 1950, é dirigido por Joseph Mankiewicz. Foi premiado com vários *Oscars*, dentre os quais o de roteiro adaptado. Ele se baseia em um livro que narra a estória real de uma atriz que foi assediada por uma fã. Mas esta, diferentemente da Margo Channing, do filme, logrou interromper a invasão da admiradora.

Na época, não foi um filme que me interessasse. Quando, graças às reprises na TV, o assisti, pensei: a malvada deve ser a Bette Davis, grande atriz, feia e de temperamento forte, perfeita para esses papéis. Qual não foi a minha surpresa ao perceber que malvada era a outra, a mocinha, bonitinha, boazinha... Os papéis se invertiam... Além disso, *A malvada* foi uma invenção brasileira para o título do filme *All about Eve, Tudo sobre Eva*. Um filme sobre o feminino? Sobre a eterna mulher, Eva?

* Psicanalista, membro da SPCRJ.

Assistindo ao filme para elaborar este trabalho, outro filme se insinuava em meu pensamento: *Mulher solteira procura*, originalmente *Single white female*, de 1992, dirigido por Barbet Schroeder. De novo um assédio, de novo mulheres. Foi este o fundo de associações que baseou esta análise.

Sinopse comentada

As três personagens femininas do filme poderiam ser vistas como três aspectos de Eva. *Margo Channing* é uma atriz de sucesso, *blasée*, “dona da bola”, rodeada por uma pequena corte, mas preocupada com as consequências do envelhecimento: Perderia os principais papéis? Perderia o namorado, Bill, bem mais moço do que ela?

Karen Richards está sempre à volta de Margo. É sua maior amiga. O crítico de teatro, Addison De Witt, revela que ela desejou ser atriz, cursou uma boa escola de arte dramática, mas “não conseguiu passar da fila E”. A única coisa que alcançou nessa escola foi casar com um de seus professores, o escritor Lloyd Richards.

Eve Harrington está sempre na saída dos atores do teatro e chama a atenção de Karen. Eve sabe tudo sobre o pessoal de teatro, todas as notícias e fofocas que correm sobre eles. De fato, ela não se chama Eve, seu nome original é Gertrude. Eve foi invenção sua. Não por acaso, diríamos nós, psicanalistas. A sedutora? A tentadora? A origem e o modelo de todas as mulheres?

O filme se passa entre essas três Evas e seus coadjuvantes, entre os quais o personagem mais bem delineado é o do crítico de teatro, Addison De Witt. O tema básico é a inveja, a idealização, a identificação, a ambição, a traição, que se seguem como partes de um único “destino”, como se diria nas tragédias gregas, o de conquistar o lugar ocupado pela outra mulher.

No início do filme somos levados a pensar que Eve é uma apaixonada fã de Margo, que não demanda outra coisa senão estar perto dela, admirá-la, compartilhar de sua intimidade, servi-la. Na pior das hipóteses, imitá-la, como faz, entrando no palco com o vestido da personagem, simulando reverências de agradecimento pelos aplausos. Mas pouco a pouco percebemos que ela tenta tornar-se indispensável para a atriz, o que culmina no telefonema que ela marca para Margo, para que esta dê os parabéns a seu namorado, Bill Sampson, no aniversário dele. Foi um avanço de sinal, uma invasão de intimidade, um abuso. Ela deveria ter sido freada por Margo nesse momento. Margo sente algo, pois prevê que a festa em homenagem a Bill, planejada por Eve, seria um

fracasso. Mas talvez pelo prazer de ser adulada, só reage quando percebe que Bill chegara e Eve tinha ficado conversando com ele, sem a chamar.

Na festa, Margo bebe muito e é inconveniente com os convidados. Tenta ficar livre de Eve, pedindo a um amigo que lhe dê um emprego. Enquanto isso Eve pede a Karen, sua protetora, para ser a atriz substituta de Margo. Karen consente. Marcou-se para o dia seguinte o teste de uma candidata a atriz que deveria contracenar com Margo. Uma vez que esta, em seu estrelismo, como de hábito, se atrasa, Eve realiza o teste, e é um sucesso.

Margo fica furiosa. Mais ainda quando Addison conta a ela que Eve é a sua nova substituta. O escritor, marido de Karen, volta para casa muito aborrecido com o temperamento de Margo e certo de que Eve seria perfeita para representar Cora, o papel principal de sua nova peça.

Karen lembra que eles passariam o fim de semana com Margo e Bill. Até então Karen é uma personagem ambígua. Quem seria Eve, para ela? Um brinquito que levava para Margo? Ou será que a pobre jovem, sempre na saída dos artistas, teria despertado em Karen um sentimento de proteção maternal?

Fato é que Karen telefona para Eve e a previne de que ela representará no lugar de Margo na noite seguinte e se arranja para deixar o carro sem gasolina suficiente para que Margo chegue a tempo ao teatro. Parece ter encarado isso como uma brincadeira, um presente para Eve e uma vingança com relação a Margo, o que deixa claros os seus sentimentos ambivalentes com relação a esta.

Lloyd sai para providenciar combustível, deixando Margo e Karen no carro. Nesse momento há uma grande fala de Margo, que é uma das chaves do filme: Margo abre o coração. Diz que bebe porque se sente insegura. Acha que só é amada como Margo Channing, a estrela, papel que em dez anos terá acabado. Pensa que seu namorado, Bill, também ama Margo Channing a atriz e não ela mesma. Como poderá ele distinguir as duas, se ela própria não consegue? Queria ser amada como todas as mulheres o são. Tem raiva de Eve, mas sentiu-se tocada por ela, tão jovem, tão feminina, tão desamparada... Gostaria de ser assim, mas teve que renunciar a isso para subir na carreira. Mas, agora, ela gostaria de voltar a ser apenas mulher. Nada vale a pena sem a companhia de um homem. A carreira de esposa é a que todas as mulheres desejam e partilham, diz ela.

Em sua ambivalência, Karen se sente tocada pelas palavras de Margo e parece lamentar a brincadeira de mau gosto que armara contra ela. As máscaras começam a cair. No final da apresentação, Eve tenta seduzir o namorado de Margo, mas é rechaçada. Mostra-se furiosa, o que tira qualquer dúvida do es-

pectador sobre seus motivos. Eles são conscientes e deliberados. Ela quer ocupar o lugar de estrela, custe o que custar: convoca a imprensa para assistir a sua apresentação, seduz o escritor, marido de sua protetora, para obter o papel principal em sua próxima peça e, por fim, chantageia Karen, pois caberá a ela a escolha da atriz que fará esse papel. Bill pede a mão de Margo e ela desiste do papel de Cora, na nova peça de Lloyd, para ser apenas a Sra. Bill Sampson!

No dia da estreia Eve está exultante. Lloyd vai deixar Karen e ficar com ela. Addison De Witt a obriga a desistir disso, desmascarando-a: revela que sabe que a história que contou sobre sua vida é cheia de inverdades e mostra que ela está nas mãos dele. Ele pode ajudá-la ou destruí-la.

E o filme termina como tinha começado, com a cerimônia de premiação da melhor atriz do ano, Eve Harrington. Mas ainda temos direito a mais uma repetição. Desistindo de ir à festa que se segue à cerimônia, Eve encontra em sua suíte no hotel uma fã, nova Eve, tão solícita e insincera como ela.

Análise

O filme não insinua, pelo contrário, deixa muito claro o desígnio de Eve de ocupar o lugar da grande estrela, de Margo. Por isso, embora muito atraente e agradável de assistir, tem algo de um filme antigo, pré-psicanalítico. Poderia ser muito mais atual se mergulhasse no significante Eve e em seus muitos significados: a primeira mulher, a representante de todas as mulheres, a sedução, a traição, deixando-nos sem saber qual a verdadeira motivação de Eve Harrington. Ambição ou destino? Isto é, determinações inconscientes que a levariam a seguir “cegamente” seu caminho, como disse o escorpião ao picar a rã: “é mais forte do que eu”.

De outro ponto de vista, me pareceu chocante a leveza com que são tratadas questões tão violentas: inveja, ambição e invasão deliberada da vida de Margo, com o fim de se aproveitar dessa proximidade para tomar o seu lugar, tanto no teatro, quanto na vida privada. O filme parece uma crônica de costumes, onde tudo acontece, onde tudo se dá, mas cada um vai obtendo seus ganhos e, com alguma ajuda do crítico Addison De Witt, sem mortos nem feridos.

Há enorme violência de sentimentos, mas sempre velada. Os conflitos mais aparentes: as crises de Margo, a crítica da camareira a Eve, a inveja e a manipulação de Karen em favor de Eve, a intromissão abusiva de Eve na vida de Margo, o machismo ostensivo, são mostrados como situações engraçadas, exageradas, estereotipadas, satirizadas.

Continuando minhas pesquisas sobre o filme, encontrei menções sobre personagens homossexuais, supostamente Eve e Addison De Witt, que só podiam aparecer como tais de maneira velada em função da censura, na época.

Proponho três linhas de análise para o filme.

A primeira tentará explicar o interesse que nos desperta esse filme até hoje, embora, sob certos aspectos, seja um filme “datado”. A segunda explorará a questão da homossexualidade dos personagens. A terceira, finalmente, tentará entender a relação entre *All about Eve* e *Mulher solteira procura*.

Qual será o charme de *A malvada*?

Parece ser aquela verdade totalmente evidente, mas que, apesar disso, se esconde. Está ali, totalmente aparente, mas, por isso mesmo, não é notada. Essa é uma das características que podem apresentar os fenômenos do Inconsciente.

Não sei se li, ou se ouvi em uma de suas conferências, Françoise Dolto dizer algo assim: “As mães têm que estar preparadas, porque suas filhas crescerão e ocuparão o lugar delas. Hoje a mãe está resplandecente, sedutora. Logo mais ela se torna velha e sua filha assumirá o lugar do brilho, da sedução”.

É a passagem do bastão, que ocorre sempre, na sequência das gerações. Mas embora ocorra sempre, nem por isso se dá de maneira simples, fácil. Não é sem motivo que, nos contos infantis, esse rito raramente é vivido entre mãe e filha. Há sempre uma madrasta, uma bruxa, o que revela a dificuldade, a complexidade, dessa situação. As crises da adolescência são agravadas por essa questão. A filha deseja ocupar o lugar da moça, sedutora, capaz, cheia de opinião, mas hesita. A mãe reluta em passar para o lugar do envelhecimento, das rugas, do climatério e, no melhor dos casos, da sabedoria; deixando à filha o charme, o encanto, a sedução e a entrada na maturidade triunfante.

Essa me parece ser a mensagem que torna *All about Eve* um filme sempre atual, pois, como a lenda de Édipo, trata de um tema universal, que se repete, de geração a geração. É incrível como isso fica aparente, mas, ao mesmo tempo, passa despercebido no filme: desde o início Bill chama Eve de Junior; Margo, numa passagem, pergunta ironicamente onde está a princesinha. Na mesma cena Bill a critica porque ela deixa que uma menina a transforme em um monstro. Parece que estamos diante de Branca de Neve e sua madrasta... A sequência das gerações é acentuada pela repetição no filme: Eve também terá uma sucessora.

Passamos para o segundo ponto. Se houve, na crítica, insinuações sobre a homossexualidade de Eve, porque não Karen? Karen não era a melhor amiga de Margo? Não viviam sempre juntas? Karen não teria desejado estar no lugar da grande atriz? Parece que, nessa época, ser casada resolvia todos os proble-

mas. Não só os de Karen, mas até os de Margo... Além disso, nesse contexto, quando uma mulher (e, da mesma forma, um homem, diga-se de passagem) é casada é certo que não é homossexual... Voltando à suposta homossexualidade presente no filme, Freud e Serge André têm o que nos dizer.

Na análise de Dora, Freud descobre tardiamente que Dora não estava interessada no Sr. K, mas na Sra. K. e nos segredos da feminilidade. Que charmes terá a Sra. K., para seduzir meu pai? Ela deve ter muito a me ensinar, pensa Dora.

A sedução que pode emanar de uma mulher pode ser exemplificada pelo filme *Gilda*, de 1946, dirigido por Charles Vidor, magnificamente interpretado por Rita Hayworth.

Gilda tinha “it”, faculdade mágica e imponderável que a tornava um modelo. Todas as espectadoras queriam ser como Gilda, partilhar do seu brilho. Pequena distância para querer se apoderar dele, roubá-lo. Fonte de amor, mas também de identificação, provocando o desejo de possuí-lo, de ocupar o lugar do “it”, do brilho.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud fala da identificação e relata o caso de um grupo de moças que choram junto a uma delas que recebera uma carta do namorado, rompendo o vínculo entre eles. Freud pergunta: Tratar-se-ia de imitação? Não, diz ele, é uma questão mais complexa: no seu imaginário todas as meninas gostariam tanto de ter um namorado, que podem perfeitamente sofrer e chorar pela perda do amado que enviara a carta de ruptura, por identificação àquela que, de fato, recebera a missiva.

Essa questão foi analisada por Serge André, em seu livro, *O que quer uma mulher*. Partindo dos casos apresentados por Freud, Elisabeth e Dora, Serge André desenvolve a noção de homossexualização, para explicar essa devoção amorosa/identificação de uma mulher à outra: Elisabeth e sua irmã (com o cunhado como pano de fundo) e Dora e a Sra. K. (onde o pano de fundo é o pai de Dora). O que teria minha irmã para ter um marido tão atraente? Como desejaria estar no lugar dela, pensa Elisabeth. E Dora: Que segredos tem a Sra. K., para, por meio deles, atrair meu pai? Queria poder partilhar desse saber oculto, a essência do feminino.

Mas, tanto Elisabeth quanto Dora se puniram por essa incursão nos campos do “it”, esse ingrediente mágico da feminilidade. Elisabeth se paralisou, para não dar um “mau passo”, na direção do cunhado. Dora reuniu em si sintomas desagradáveis de seu pai e de sua mãe. Para ambas, foi bastante pensar nas vias para ocupar o lugar da outra, amada e admirada, para desencadear os sintomas histéricos.

Na *A malvada*, embora Eve não apresente nenhum sintoma, encontramos o clima de admiração amorosa e de identificação de que falam Freud e Serge André. Então, não poderíamos dizer que Eve seria homossexual pelo desejo de estar perto de Margo, tornar-se indispensável para ela, imitar todos os seus gestos, herdar suas roupas e representar como ela. Poderíamos dizer, sim, que Eve tem admiração amorosa por Margo e deseja identificar-se com ela em todos os aspectos, até conquistando o namorado dela. Para Freud, Eve estaria identificada com Margo. Serge André, acentuando o aspecto de admiração amorosa e invejosa, diria que se trata de uma questão de homossexualização.

Chegamos ao terceiro ponto. A presença constante, em meu pensamento, do filme *Mulher solteira procura* no decorrer deste trabalho. Vou fazer uma pequena sinopse desse filme, para que possamos nos entender.

Em seu prólogo, vemos duas meninas, muito parecidas, brincando de se maquiar e de se olhar, idênticas, no espelho. No filme, Allie foi traída pelo noivo, separou-se dele e procura uma moça para dividir seu apartamento. Chega Hedy, e elas logo se entendem. Pouco a pouco vamos percebendo que Hedy, não apenas tenta seduzir Allie cozinhando para ela, trazendo um cachorrinho para casa, mas também assume, passo a passo, a sua identidade, pelas roupas, pelo corte e pela cor do cabelo. Hedy tenta convencer Allie de que os homens, e particularmente seu ex-noivo, não prestam. Apaga mensagens telefônicas, esconde uma carta dele. Mas os noivos reatam e vão se casar. Allie descobre uma caixa de Hedy onde encontra, ao lado de recortes de jornal sobre a morte de uma menina gêmea, a antiga carta de seu noivo, endereçada a ela. Assustada, fala com um amigo do prédio. Hedy ouve a conversa. A ação se intensifica: Hedy agride o amigo de Allie. Disfarçada como Allie, seduz o noivo dela. Quando ele percebe, brigam e Hedy o mata. Allie, descobrindo tudo, entra em pânico. Tenta fugir, mas é perseguida por Hedy e, para se defender, acaba matando-a.

O que justificaria a ligação que estabeleci entre os dois filmes?

Os filmes têm temas semelhantes. Uma mulher, encantada por outra, procura desesperadamente seduzir e se identificar com essa outra, de tal forma que se torna sua cópia e a substitui. Mas o entendimento psicanalítico é diferente para cada um deles.

Em *Mulher solteira procura* estamos diante de uma situação de duplo, na qual, à falta de um terceiro, surge a perigosa alternância entre a presença dos dois personagens e a identificação total de um ao outro, com a necessária eliminação de um deles.

Essa diferença poderia justificar a leveza de *All about Eve* quando comparada ao horror suscitado por *Mulher solteira procura*. Em *All about Eve*, embora haja muita violência, nos fatos e nos diálogos, tudo é glamourizado, cada um tem seu *happy end*, tudo parece deliberado, consciente (no caso de Eve) ou parece uma brincadeira inofensiva que se agravou (no caso de Karen).

Em *Mulher solteira procura* os conflitos são explicitamente mostrados, os motivos não parecem deliberados nem conscientes e, se o filme termina por mostrar que uma das personagens realmente suplantou a outra, isso se dá de maneira totalmente diversa: Hedy quer Allie como um duplo, uma irmã gêmea, como aquela que perdeu. Tenta se apossar da identidade de Allie de forma automática, como se não tivesse alternativa (é mais forte do que eu, como diz o escorpião). Para se defender, Allie termina matando Hedy, desfazendo a possessão.

Poderíamos pensar que se trata, em ambos os filmes, de uma idealização exagerada, acompanhada por “posse da personagem idealizada”. Mas em *All about Eve*, tudo é mais leve, mais consciente e por isso também mais controlado, a trama mostrando que se trata de idealização, acompanhada por uma intenção deliberada de alcançar o sucesso pela proximidade de uma *star*. Já em *Mulher solteira procura* há a identificação completa com o objeto idealizado, que é fagocitado de maneira psicótica, provocando estranheza, medo e morte.

Os finais são trocados. Em *All about Eve* a mulher que chega, a estranha, assume a identidade daquela que era amada e admirada. Em *Mulher solteira procura*, depois de conflitos muito graves, a mulher admirada, que é o modelo para uma identificação maciça, consegue manter a própria identidade e eliminar a estranha.

De fato, como Allie, a despeito dos conflitos e perdas consegue literalmente manter o juízo, ela permanece e Hedy é eliminada. Se perdesse o juízo, venceria Hedy, pois são dois aspectos da “mesma”.

Entramos então em mais um desdobramento deste terceiro ponto: comentários adicionais sobre o Édipo feminino.

Em seu livro *Partage des femmes*, traduzido em português com o título *A mulher não toda*, Eugénie Lemoine considera que a articulação do Complexo de Édipo feminino exige, além da castração, que é comum para ambos os sexos, dois movimentos que são específicos do Édipo feminino.

Como a menina e a mãe são do mesmo sexo, não há nítida diferenciação entre as duas. Ter um filho é relacionar-se com um ser diferente; ter uma filha é relacionar-se com a “mesma”, com todos os fenômenos de duplo que isso pode implicar.

Por isso, a menina precisaria realizar um corte imaginário e um corte simbólico, com relação à mãe. Lemoine denomina esses cortes de Partição. Partição que seria anterior ao Édipo propriamente dito, quando já existe a presença do Outro. Talvez por isso *Mulher solteira procura* tenha me atormentado na análise de *All about Eve*. Ambos os filmes estavam conectados, no meu imaginário.

Em *Mulher solteira procura* estamos diante das questões da partição, isto é, do Édipo feminino precoce. Em *All about Eve*, trata-se da castração, com a necessária presença do personagem masculino, ora Bill, ora Lloyd e afinal, Addison De Witt.

Podemos acrescentar que o fracasso da sedução de Eve, com relação aos personagens masculinos do filme, a ajuda a realizar a castração, podendo, portanto, ter acesso ao seu lugar de sucesso, sem neuroses.

Os dois filmes exemplificam, cada um à sua maneira, aspectos do Complexo de Édipo feminino.

Agosto de 2017

Regina Landim

rhlandim1929@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

- ANDRE, S. *Que veut une femme?* Paris: Navarin, 1986. (Trad. bras. O que quer uma mulher?).
- DOSTOIEVSKI, F. *Le double*. Paris: Mercure de France, 1965. (Trad. bras. O duplo).
- FREUD, S.; BREUER, J. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 2).
- FREUD, S. (1905[1901]). *Análise fragmentária de uma histeria* (O caso Dora). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Obras completas, 6).
- _____. (1914). *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).
- _____. (1920). *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).
- _____. (1919). *O inquietante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).

_____. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 15).

_____. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16).

_____. (1924). *Neurose e psicose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16).

_____. (1924). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16).

_____. (1931). *Sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).

_____. (1933). Feminilidade. In: _____. *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).

LACAN, J. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LEMOINE-LUCCIONI, E. *Partage des femmes*. Paris: Seuil, 1976. (Trad. bras. A mulher não toda).

MACHADO DE ASSIS, J. M. O espelho. In: *Obra Completa*, II. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1986.

MAUPASSANT, G. Le Horla. In: *Le Horla*. Paris: Gallimard, Collection Folio, 1986. (Trad. bras. O Horla, in Contos Fantásticos).